

O PORTAL

VIAGEM REAL AO SEGREDO DO GRAAL



PATRICE CHAPLIN

O PORTAL

VIAGEM REAL AO SEGREDO DO GRAAL

TRADUÇÃO
BARANY EDITORA



Copyright © Patrice Chaplin

Todos os direitos reservados

Publicado no Brasil conforme acordo com Quest Books, Theosophical Publishing House

Título original: *The Portal – An initiate's journey into the secret of Rennes-le-Château*

Nenhuma parte deste livro pode ser reproduzida ou transmitida em qualquer forma ou por qualquer meio, eletrônico ou mecânico, incluindo fotocópia, gravação ou qualquer armazenamento de informação, e sistema de cópia, sem permissão escrita do editor.

Direção editorial: Júlia Bárány

Preparação: Barany Editora

Revisão: Barany Editora

Capa: Lumiar Design

Diagramação: SGuerra Design

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

(Elaboração: Aglaé de Lima Fierli, CRB-9/412)

C431p Chaplin, Patrice, 1940 -
O portal: viagem real ao segredo do Graal / Patrice Chaplin. --São Paulo: Barany, 2013. 352p. : il. pb; 16 x 23 cm.

Título original inglês: The Portal - An Initiate's Journey into the Secret of Rennes-le-Château
ISBN: 978-85-61080-40-2

1. Biografia espiritual – Memórias - Europa. 2. Viagem iniciática.
3. Peregrinos e peregrinações - Rennes-le-Château. 4. Graal – Sociedade secreta. 5. Igreja Santa Maria Madalena (Girona) - Espanha. 6. I. Título.

CDD 924.092

ÍNDICE PARA CATÁLOGO SISTEMÁTICO

Biografia espiritual : Memórias : Europa	924.092
Viagem iniciática : Girona : Espanha	914.671
Peregrinos e peregrinações : Europa	263.0424
Igreja Santa Madalena : Girona : Espanha	274.671
Sociedade secreta : Graal	296.493

Todos os direitos deste edição reservados

à Barany Editora (c) 2013

São Paulo - SP - Brasil

contato@baranyeditora.com.br

www.baranyeditora.com.br

Dedicado a Lluís de L'Arc.

Monte Canigou:

*Quão alto seu platô! Quão esplêndidas suas vestes!
O amanhecer traz a prata, o sol, seu ouro mais puro
Para manter sua coroa real eternamente nova.
Estrelas beijam sua fronte, e deixam-se ficar como pedras preciosas.
E, às vezes, dizem, ao viajar pelas estrelas
Os Serafins pausam para descansar*

– Jacint Verdaguer

Canto do Amante:

*Quando você ainda não era você
Nem eu ainda era eu,
Você se lembra, Querida?
E os sinos tocavam em seu cabelo
E o sangue cantava em suas veias –
Seu sorriso igual ao de um anjo
De outra época.*

– José Tarres

ÍNDICE

<i>Lista de Ilustrações</i>	11
<i>Agradecimentos</i>	15
Capítulo 1	17
Capítulo 2	41
Capítulo 3	55
Capítulo 4	73
Capítulo 5	85
Capítulo 6	99
Capítulo 7	105
Capítulo 8	115
Capítulo 9	131
Capítulo 10	141
Capítulo 11	169
Capítulo 12	179
Capítulo 13	193
Capítulo 14	205
Capítulo 15	227
Capítulo 16	245
Capítulo 17	259
Capítulo 18	287

Capítulo 19	305
Capítulo 20	331
<i>Epílogo – O fim e o início</i>	337
<i>Apêndice A</i>	347
<i>Apêndice B</i>	349
<i>Créditos das ilustrações</i>	351

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Frontispício Mapa da Catalunha

1.1. A torre de Rennes-le-Château no sul da França, construída pelo Abade Bérenger Saunière na década de 1890

1.2 O Abade Bérenger Saunière

1.3 O bairro antigo de Girona

1.4 Em Girona, as próprias pedras guardam segredos

1.5 José Tarres, década de 1950

1.6 Patrice, selecionada por Cocteau para o papel da garota que o poeta amava

1.7 Patrice e José no degrau da porta da catedral

1.8 Lucia Stilman

1.9 Maria Tourdes, a francesa

1.10 O Pátio do Centro Judaico, Isaac el Cec, restaurado por José, atualmente o Museu d'História dels Jueus na Catalunha

1.11 Patrice e José, durante a restauração do Centro Judaico

2.1 A porta da cabana

2.2 Roger Mathieu, a torre de Girona em segundo plano

3.1 A Catedral e a torre de Girona, reconstruída pela sociedade em 1851

3.2 Pirâmide com o topo destacado

3.3 As duas torres marcam o centro

4.1 Parte da muralha original da cidade de Girona

4.2 Santuário de Senhora com o Cálice

5.1 A catedral de Girona visível através de uma das muitas arcadas da cidade

- 5.2 Lluís e José
- 5.3 O letreiro do bar de Lluís
- 5.4 Lluís, ainda discursando no século XXI
- 6.1 O jardim da francesa como está atualmente
- 6.2 A cantora de ópera Emma Calvé
- 7.1 O poço no jardim da francesa
- 7.2 A letra hebraica Daleth, sinal cabalístico para “soleira da porta”
- 8.1 La Nuit, por Vilalonga
- 9.1 Café Antigua, início do século XX
- 9.2 O Antigua era o local favorito para fofoca, café e – como sempre – chocolate
- 9.3 O Quadrado Mágico de Vênus
- 10.1 Romanya de la Selva
- 10.2 As pedras megalíticas de Romanya
- 10.3 Entrada do Balneário Prats, Caldes
- 10.4 Sala de Jantar no Balneário Prats
- 11.1 Canigou, a montanha sagrada
- 12.1 Logotipo do Balneário Prats
- 13.1 Árvore da Crucificação na Igreja do Santo Sepulcro, Palera
- 13.2 Besalú
- 14.1 O monastério beneditino em Ripoll
- 14.2 O Museu Salvador Dali em Figueras
- 14.3 A costa de Empúries, onde colunas e estátuas gregas e romanas ainda estão em pé
- 14.4 A foto
- 14.5 O monastério no alto de St. Père de Rodes
- 15.1 A Caverna do Diabo, perto de Cadaqués
- 15.2 Lucia, que não gostava de segredos
- 15.3 Collioure, um lugar de luz extraordinária
- 16.1 A Capela Perilous, de Walter Crane, baseado na *Le Morte d'Arthur* de Sir Thomas Malory. Malory estava pensando em Perillos?

16.2 Do alto de Rennes-le-Château, num dia claro, dá para ver a Espanha

17.1 A estação de trem em Perpignan, pintura de Dali que hoje está no Museu de Arte de Frankfurt

17.2 Cartaz apresentando Emma Calvé

17.3 O monastério de St. Martin de Canigou

18.1 O caminho para Monte Canigou

19.1 Local 11, Monte Canigou, Portal

20.1 A viagem do iniciado no Quadrado Mágico de Vênus, seguindo a constelação da Ursa Maior

21.1 A torre em Girona sempre voltada para o Norte

Apêndice A Mapa da Catalunha com os locais numerados

Apêndice B Mapa da terra que a sociedade comprou em Girona por volta de 1830

AGRADECIMENTOS

A autora deseja agradecer a Senhora Marta Andras, Tove Frisvold, Ingerborg Zander, Señor Jaume Vialles, e Josep Tarres.



Figura 1.1. A torre de Rennes-le-Château no sul da França, construída pelo Abade Bérenger Saunière, na década de 1890

CAPÍTULO 1

O padre pobre de uma igreja decadente num vilarejo pouco conhecido no distrito de Aude ao sul da França mal conseguia ganhar a vida. Seus livros contábeis mostravam uma existência precária. Então, certa manhã, inexplicavelmente, ele se tornou fabulosamente rico. O ano era 1891 e ele tinha trinta e oito anos.

Como conseguiu o dinheiro? O que havia feito? A resposta a essas perguntas tem sido um mistério desde então e, nas últimas três décadas, fonte de contínua especulação, produzindo livros, documentários na TV, e a base para um romance e filme de Dan Brown, *O Código Da Vinci*.

O padre, Bérenger Saunière, nasceu em 1852 em Montazels, um pequeno vilarejo ao sul da cidade medieval de Carcassonne, na França. Como era costume nas grandes famílias naquele tempo, ele entrou para a Igreja. Ambicioso e inteligente, parecia destinado a uma promissora carreira clerical, mas depois de um curto período no seminário em Narbonne, foi designado à decadente paróquia de Rennes-le-Château. Mediante a doação de um membro da dinastia dos Habsburg, Saunière começou a consertar e restaurar sua igreja. Em 1891, durante a remoção das colunas do altar, ele descobriu quatro pergaminhos, dois com mensagens codificadas. Estes pareciam ser a fonte de sua riqueza.

Imediatamente levou os pergaminhos à Igreja de São Sulpício em Paris e, enquanto estes estavam sendo examinados, foi apresentado a

sociedades esotéricas e secretas. Foi aí que começou seu envolvimento com um mistério profano e ainda não resolvido?

Quando de seu retorno de Paris, Saunière continuou a restauração da igreja, descobrindo emblemas Templários, ouro e pedras rituais. Existe uma série de teorias de que sua grande e contínua riqueza resultou de diversas alquimias, chantagem ao Vaticano, ou a obtenção da prova de que Jesus e Madalena geraram um filho, iniciando assim a linhagem divina que continuou na França. Especulou-se também que os Habsburgos fossem os financiadores do padre.

Saunière restaurou a igreja de um modo que provocou curiosidade e choque. Construiu a Villa Bethânia, uma casa considerável no estilo renascentista, e a Torre Magdala, uma torre neogótica de frente para o sudeste da Espanha. Criou um parque, um zoológico, um pomar; apresentou espetáculos prodigiosos e planejou uma estrada pavimentada para Couiza, o vilarejo vizinho. Viveu uma vida extravagante e suntuosa. Saunière, um padre do interior, encontrou-se com intelectuais e celebridades que normalmente não teriam cruzado seu caminho: Mallarmé, Maeterlinck, Debussy. Tais celebridades se tornaram visitantes do seu lar em Rennes-le-Château, e dizia-se que ele tinha uma ligação com a cantora de ópera Emma Calvé, a Maria Callas da época.

O arquiduque Johann Von Habsburg interessou-se pela restauração de Saunière, e os dois homens abriram contas bancárias com números consecutivos. A empregada do sacerdote vestia-se com o que havia de última moda parisiense e era chamada de “Madonna” pelos aldeões.

Ao que tudo indica, Saunière gostava de coisas grandiosas e pessoas importantes. Então, por que ele ficou estagnado? Teria sido porque não *podia* partir? Foi o medo que o manteve na paróquia decadente? Ele e sua empregada morreram sem deixar qualquer explicação da fonte de sua riqueza; porém, mais de uma vez me disseram que seus financiadores lhe pagavam muito bem para fazer o que quisesse, e que



Figura 1.2 O Abade Bérenger Saunière

exigiam que ele permanecesse na igreja e trabalhasse de acordo com o que precisassem.

Saunière fez viagens curtas de alguns dias por vez, mas para onde e para quê? A Paris? Ou às proximidades de Carcassonne? Os paroquianos diziam que ele cruzava a fronteira rumo ao nordeste da Espanha. Muitos anos depois, eu soube que ele ia para a antiga cidade de Girona. Este lugar pré-romano, a quarenta milhas da Costa Brava, possui um vasto bairro antigo, banhos árabes e igrejas monumentais. Sua catedral predominantemente gótica, que se acredita ter começado como um simples templo pagão, apresenta uma nave central desproporcionalmente grande, e o fato de que a construção ainda esteja em pé é considerado um milagre.

Sinos tocam através da floresta de pedra que é Girona, a cada quinze minutos, dia e noite. A parte antiga sobrevive – gloriosamente, com becos pavimentados, escadas desmoronadas, e arcadas profundas levando a pátios inesperados – tudo em pedra, estilo



Figura 1.3 O bairro antigo de Girona

medieval ou pré-romano, com partes da muralha original da cidade ainda em pé num aglomerado de pedras de quatrocentos anos de idade. As construções, enormes contrafortes da perícia romana, quase se juntam ao longo das ruas, deixando apenas uma nesga do céu brilhante. As pedras fazem a cidade ecoar e ampliam todos os sons. Apenas os sinos estão livres, pois soam alto sobre a velha cidade. Girona mantém sua atmosfera e garante que o passado esteja sempre lá, sólido, invicto ao decaimento. Era a essa cidade que vinha o padre francês.

Ninguém sabia o propósito das visitas de Saunière na década de 1890, e ainda não se saberia hoje, não fosse um fato inimaginável, inaceitável e ainda assim inevitável – as pessoas envelhecem e morrem. Diante da morte, os guardiões do material escondido em Girona, que possuíam aquilo que o padre fora procurar, precisavam de resultados conclusivos. O que parecera benéfico em sua juventude e os unia na maturidade, tornou-se outra coisa completamente diferente à medida que eles se tornavam mais teimosos e desesperados diante da sombra da morte.

Havia discórdias. Segredos vazavam um pouco. De repente, estrangeiros, muitos, pareciam saber alguma coisa. Isso foi no verão de 2003.

Na antiguidade, antes de os romanos chegarem, Girona fora um centro de comércio ibérico. Os ibéricos, primeiros habitantes conhecidos da região, viveram na aldeia catalã de Ullastret pelo menos cinco mil anos atrás. Os fenícios se estabeleceram na província de Girona, deixando artefatos e pedras sacrificiais. Os gregos deixaram um assentamento no litoral: Empuriés, tradução espanhola para a palavra grega Emporion, com fileiras de figuras esculpidas ainda existentes, um tanto degradadas, olhando para o mar.



Figura 1.4 Em Girona, as próprias pedras guardam segredos

Ao longo desta costa, muitas aldeias têm nomes de influência grega.

Os romanos construíram uma grande parte do que atualmente é o bairro antigo de Girona. Carlos Magno entrou na cidade e deixou sua influência, assim como Napoleão III. Girona venceu a disputa com os mouros, mas perdeu contra Franco e a Guerra Civil na década de 1930. Cada invasor deixou alguma marca.

Talvez porque tantos cultos e religiões florescessem em Girona, nenhum deles seja lembrado de modo excepcional. O único sinal visível do que foi tão importante lá e depois completamente esquecido são as pedras. Achados históricos ocorrem com frequência, dando indícios de civilizações ainda mais antigas do que os historiadores locais poderiam ter previsto; e hoje Girona celebra este passado com festas, lendas, rituais e teatro.

Situada entre a fronteira da França e da capital catalã Barcelona, Girona sempre foi uma cidade de passagem. Viajantes anônimos deixaram poucos vestígios, fazendo dela um bom lugar para esconder o que nunca deveria ser mostrado.

Quando pisei pela primeira vez em Girona, na década de 1950, soube que lá era onde eu deveria estar. Eu tinha quinze anos, era uma boêmia, viajando de carona pela Europa com meu amigo Beryl. Nós viajávamos para o sul, pegando as estradas à medida que elas apareciam, não fugindo de nada e sim indo em direção à liberdade. Nós queríamos ser ciganos. Na noite em que entramos na cidade, os artesãos locais acendiam fogueiras na beira do bairro antigo, o céu era violeta, salpicado de enormes estrelas planas. O sol se punha por trás da última ponte num esplendor de fúria escarlate. As ruas estreitas estavam cheias de música, perfume, cheiro de fumaça de lenha. Os sinos da igreja repicaram como em celebração e então as luzes da cidade se acenderam – centenas de olhos amarelos. Foi uma verdadeira recepção cordial.

Dizia-se que as pedras de Girona tinham um magnetismo que fazia algumas pessoas voltarem muitas vezes. Carcassonne, antiga cidade

fortificada na antiga província de Languedoc, possuía a mesma lenda, e eu soube que se relacionava às linhas *Ley*. Em certos pontos, por toda Terra, a energia se acumula e cria uma atração, uma pulsação, e nesses lugares acontecem coisas incomuns e místicas. Em Girona, em certos dias, dependendo do vento, até o ar ficava carregado, produzindo uma exaltação instantânea. Como eu disse em *City of Secrets* (Cidade dos Segredos), o visitante era seduzido e transformado em uma pessoa diferente, num amante da cidade, porque isso é o que a cidade queria. Depositava seu coração nas ruas estreitas como um recém-nascido em sacrifício. A cidade aprovava amplamente as ofertas. Um estrangeiro nunca poderia ser parte dela realmente. Era uma questão relativa às pedras, não aos habitantes. As pedras detinham o poder.

O espírito da cidade era o que importava. Ele devia aprovar você; senão você passaria por aquele bairro antigo e este nada lhe mostraria. Acredito que o espírito de Girona realmente me aprovou como eu era naquela época. Claro que ele não queria me deixar partir; o amor de uma cidade não morre. Na época, um otimismo adorável dos anos cinquenta prevalecia e nenhum regime político – nem mesmo o de Franco tiranizando a Espanha – conseguia suprimir isso. A cidade era tocada por sonhos, sonhos de outros séculos, que apareciam em lendas e eram transmitidos em poesia, canções e mesmo no grito dos pássaros.

No dia em que entrei pela primeira vez em Girona, quando tinha quinze anos, eu me lembro de estar em pé ao lado do rio que serpenteava pelo centro da cidade, sabendo que, se cruzasse a ponte de ferro tilintante construída por Eiffel e pisasse na outra margem, estaria numa terra inimaginável, e transformada para sempre.

O pensamento foi providencial. A primeira pessoa que vi do outro lado da ponte foi José Tarres. Todos os rádios estavam tocando uma assombrosa canção espanhola que pensei ser um flamenco demolidor. (Na verdade era uma música de publicidade para o chocolate Torres). A música era cheia de melancolia e desejo que a Espanha



Figura 1.5. José Tarres, década de 1950

evoca, e pensei que anunciava o início de uma paixão enorme, mortal até. Como eu estava certa...

Conforme o tempo passava, eu não podia saber que meus sentimentos insuperáveis por este homem e esta cidade ecoavam os de outra mulher de meio século antes. Uma francesa, seu nome era Maria Tourdes, e havia sido amante de Bérenger Saunière, padre de Rennes-le-Château. Ela era, certamente, uma das razões de suas frequentes visitas a Girona, embora ele também tivesse outras. Acho que Beryl e eu, quando andamos pela primeira vez por aquelas ruas antigas, naquela esplendida noite, sentimos um pouco da marca desse plano secreto, embora, claro, não pudéssemos captar nada da sua forma externa e reconhecível, nem colocar nada daquilo em palavras.

José Tarres – poeta carismático, defensor de sua província catalã contra a violação da ditadura de Franco, guardião dos antigos costumes que sobreviveram através dos séculos – celebrava sua cidade natal

com festas, danças e palavras, tornando Girona viva e diferente de qualquer outra região da Espanha. Essa era a parte que eu conhecia. Ele mesmo era diferente de qualquer pessoa que eu já houvesse conhecido. Ao longo do último meio século, isso não se alterou.

Beryl e eu ficamos no pequeno hotel, administrado pela família, que pertencia a José, o *Residencia Internacional*, atrás do Ramblas. Era o coração do bairro antigo e base para a considerável resistência contra o regime de Franco operando a partir de Madri. Os hóspedes que passavam pelo hotel, indo da França para Barcelona ou em férias na então intocada Costa Brava, eram sofisticados e prósperos. Outros ficavam permanentemente em pensão completa e tinham trabalho ou negócios na região. Artistas locais também faziam do *Residencia Internacional* seu lar. Danças eram realizadas todo sábado à noite no piso térreo com música ao vivo de um cantor de tangos. O hotel, imerso na esfera social, dava a sensação de ser bem cuidado e mostrava como vantagem sua identidade fornecida por José que sempre trazia sua essência onde quer que estivesse. Jean Cocteau ficou no hotel enquanto fazia um filme curto sobre um poeta apaixonado por uma garota local cujo sapato perdido, em suas mãos, se tornava uma rosa. Umberto Eco ficou num quarto atrás do bar.

Entendi José completa e totalmente a partir do primeiro olhar e senti que toda a minha vida até então havia sido simplesmente um tempo de espera. Ao longo dos anos percebi que ele amava sua cidade mais do que poderia amar uma mulher ou, na verdade a si mesmo. Se necessário, ele a teria protegido com sua vida. A história catalã foi marcada por figuras carismáticas que, portando o segredo das pedras da cidade, a valorizavam e defendiam. Eram produto do solo e dos mitos e religiões que haviam florescido lá.

Após jantar no Chez Beatrice (um pequeno restaurante dirigido por duas irmãs) por quarenta pesetas, José e eu andávamos pelo beco no bairro antigo fervilhando de gatos vadios, sem nunca nos cansarmos da forte silhueta da cidade com a catedral, a igreja de São

Felix e, estranhamente, uma casa comum com uma torre neogótica bastante grande que se sobressaía incongruentemente entre os edifícios antigos. José disse que ela pertencia a uma francesa e não quis dizer nada mais.

Cocteau fez seu filme em volta daquela casa com a torre. A francesa, Maria Tourdes, vivera ali aparentemente sozinha desde a década de 1890. O jardim era enorme e traiçoeiro com buracos e astutas ervas daninhas. As paredes circundantes, algumas fazendo parte da antiga muralha da cidade, estavam quebradas e degraus subindo dentro desta formação forneciam outra entrada para a casa. Uma enorme palmeira real dava uma sombra maravilhosa e profunda pela qual agradecemos, seus galhos parecendo cobrir o jardim. A torre, de meros cem anos de idade, foi anexada ao lado da residência, de frente para a montanha sagrada dos catalães – Monte Canigou. A casa, muito mais antiga, foi construída atrás da catedral, de onde a música do órgão enchia os cômodos, abalava as janelas. O jardim, conhecido como o Cemitério Negro, fora uma necrópole para padres.

– Oh, essa casa era esplêndida –, disse o tio de José, organista da catedral. – Aqui havia um jardim maravilhoso, o assunto de Girona na época. A casa foi feita no estilo parisiense. Eles tinham uma carruagem e diversões. Debussy veio aqui –. Ele apontou para um letreiro sobre a entrada do jardim: Casa dos Cônegos. – O clero sempre viveu aqui. A francesa foi a primeira dona secular desta casa.

Na época da minha visita, Cocteau estava arrumando escadas para entrar na torre e me selecionou para o papel da garota que o poeta amava, mas eu acho que ele não queria fazer o filme realmente. Queria era entrar naquela casa. Ele mencionou “a sociedade”, e me pareceu que José queria que ele se calasse sobre o assunto. Após as visitas de Cocteau, eu costumava subir para o que achava que fosse um jardim abandonado, e quando José descobriu, disse que eu nunca deveria ir lá. Perguntei por quê. – Porque é um lugar amaldiçoado – foi só o que ele disse.



Figura 1.6. Patrice, selecionada por Cocteau para o papel da garota que o poeta amava

Naquele tempo, nos anos cinquenta, José dava brilho à vida; ele atraía as pessoas e tinha o poder de transformá-las. Certamente me transformou. Mas subitamente desaparecia por horas, dias, sem explicação. Eu soube pelo cozinheiro do hotel que ele se envolvera num grupo político. Quando a polícia cinza – os temidos que vinham dentro de “carros cegos”, – carros sem luzes – invadiu o *Residencia Internacional*, entendi que José era mais do que um simples poeta. Era um catalão nacionalista apoiando combatentes contra Franco, escondendo-os no hotel e ajudando-os a escapar através dos Pirineus para a França. Eu acreditava ser esta a causa do inegável ar de mistério em torno dele.

Mas a questão do mistério de José era muito mais complexa. Foi necessário eu descobrir um grupo noturno que desaparecia à luz do dia, para que eu começasse a entender sua verdadeira identidade. O grupo – que se revelou de membros da sociedade secreta – era formado por profissionais estabelecidos: um banqueiro, advogados, um padre, maçons, um industrial francês, os ricos e os eruditos. Eles se

encontravam em vários locais, inclusive na casa da francesa. José era o guardião da sociedade. Muito mais tarde, entendi que o papel que ele havia assumido existira por centenas de anos. A família de José ocupou o posto desde o século anterior e, quando jovem, ele fora enviado por dois anos a Ripoll, pequena cidade nas montanhas, a fim de preparar-se para a responsabilidade.

O cargo foi documentado na Idade Média, quando práticas secretas, conhecidas no antigo Egito, foram exploradas em Girona – práticas que transformavam o entendimento da vida. Considerado inadequado para o conhecimento público, o material sempre foi resguardado e mantido por uma sociedade privada. (Na Catalunha, preferia-se a classificação “privada” à “secreta”). Quando necessário, o material era transmitido e o grupo renovado com membros escolhidos, sempre na intenção de manter o conteúdo oculto e não fazer uso pessoal de suas propriedades. A consciência predominante era que chegaria uma época, talvez quando o mundo fosse um lugar mais otimista e seguro, para que tal conhecimento fosse revelado.

Documentos antigos em posse das famílias dos guardiões anteriores mostram que houve contato prévio entre Girona e Rennes-le-Château, especialmente em 500 d.C. Naquele tempo, os visigodos dominavam a região em torno dos Pirineus tanto no sul da França quanto no norte da Espanha, com muita troca de um lado para o outro. Eles também saquearam Roma e, conta a lenda, trouxeram de volta o menorá que os romanos por sua vez pegaram do segundo templo em Jerusalém, supostamente criado pelos Cavaleiros Templários, muitos dos quais eram catalães. De qualquer modo, Rennes-le-Château era então um comunidade poderosa e florescente; os visigodos fizeram dela sua capital nos séculos VI e VII, até mais tarde ser abandonada e finalmente esquecida.

O contato entre o povoado francês e a cidade espanhola interessava principalmente pela conexão da linha *ley* marcada pelas duas torres idênticas, uma em cada local. De acordo com os documentos

da sociedade, esta linha era conhecida desde a criação de Girona, no mínimo dois mil anos atrás. Ao longo da história, as duas torres apareceram e se foram. O fato de que houve reconstruções prematuras, os documentos deixavam implícito com uma referência a Cassini, italiano, do século XVII, astrônomo real do rei francês. Aparentemente as duas torres foram destruídas naquela época. Cassini, que também era cartógrafo, sabia mapear as energias na região e assim identificar os locais onde cada torre deveria ser reconstruída. Num determinado momento, ele desapareceu por dois anos. Especulava-se que Cassini estivesse nas cidades francesas de Perillos e Perpignan. Mas ninguém sabia com certeza, tampouco o porquê. Não se sabe se as duas torres foram reconstruídas de acordo com as descobertas de Cassini, embora se reconheça que essas descobertas acabaram sendo consultadas. Também não sabemos se existiu uma nova torre de Girona antes que a sociedade a reconstruísse em 1851, depois do que Saunière reconstruiu a outra em Rennes-le-Château, na década de 1890.

Em 1792, o padre de Rennes-le-Château era um homem conhecido como Abade Antoine Bigou. Antes de fugir da revolução francesa, ele escondeu quatro pergaminhos nas colunas do altar, dois deles codificados, dizia-se, para algum futuro iniciado encontrar e entender. Então teria cruzado a fronteira para a Espanha, e sumiu. Mas em Girona, a sociedade privada daquele tempo o conhecia; cuidava dele na casa anexa a uma igreja secreta, no meio da floresta, a oeste da cidade.

Os quatro pergaminhos que o Abade Bigou escondeu eram, como podemos adivinhar, os mesmos que Saunière encontrou durante sua restauração da igreja, um século mais tarde. Tendo decodificado os pergaminhos, ele não perdeu tempo em seguir os passos de Bigou. Na época sabia-se que na Idade Média os judeus haviam formado um núcleo em Girona e que lá grandes cabalistas executaram algumas experiências místicas nunca antes divulgadas abertamente. Girona era a terra natal do grande erudito rabínico Nachmanides, que escreveu

O Livro do Esplendor. Os cabalistas Azriel, Ezra ben Solomon, Jacob ben Abraham, e outros de Narbonne, incluindo Isaac o Cego, praticavam o texto do ritual sagrado nas vinte e quatro casas em torno de um pátio à sombra da catedral de Girona. Presente desde o século XI até a Expulsão em 1492, este núcleo de devotos preservou e avançou tanto a sabedoria cabalística que o período foi considerado “A Era de Ouro”. Depois da Expulsão, a região em Girona conhecida como o Bairro Judeu foi fechada e lacrada por ordem da Igreja. Parece que só no século XIX o material cabalístico foi novamente disponibilizado.

Então Girona não era apenas uma cidade agradável com uma esplêndida catedral, banhos árabes, uma longa e conturbada história e um bairro antigo intocado e extenso. Ela fora o próprio centro da cabala na Idade Média; e, quando o padre de Rennes-le-Château introduziu-se na cidade, na década de 1890, a presença judaica ainda era lembrada. Mas quando cheguei durante o regime de Franco nos anos cinquenta, o assunto estava completamente encerrado assim como estavam fechadas as casas e os pátios do velho Bairro Judeu, tendo sobrevivido apenas nas histórias de rua do local.

A presença judaica, entretanto, não era realmente um segredo. O que era segredo envolvia a transformação do tempo e do espaço. Era um segredo que já existia muito antes de os judeus praticarem a Kabbalah, e muito daquilo, dizia-se, originou-se em eras pré-cristãs.

Então, quando se originou este segredo? E como? Levei vários anos e várias visitas à Girona até descobrir o menor traço do mistério, e aquela descoberta teve um preço: ela mudou minha vida. Desde cedo, entretanto, tive consciência de uma ligação entre a cidade catalã e Rennes-le-Château.

Aconteceu desta forma: José me levou com ele ao encontro com o escritor Salvador Espriu, na aldeia de pescadores de Arenys de Mar. – O caso Saunière foi resolvido? – quis saber o escritor. Parecia que Noel Corbu, o novo comprador da propriedade do padre francês em Rennes-le-Château, queria transformá-la num hotel; e, para atrair



Figura 1.7 Patrice e José no degrau da porta da catedral

negócio, ele fora à imprensa a fim de chamar a atenção para a riqueza do falecido padre e um possível tesouro escondido. Caçadores de tesouros já chegavam carregando pás. – Faça algo –, Espriu disse, como que esperando que José tivesse esse poder. Mas por que José, morando em Girona, teria qualquer poder sobre o que acontecia em Rennes-le-Château?

A primeira vez que visitei Girona, José pediu que eu fosse sua noiva, ou *novia*. Senti-me tão emocionada e alegre que corri para a rua e dancei ao longo das vielas escuras em comemoração. Logo, sem perceber, cheguei à casa com a torre.

Eu me equilibrei despreocupada pelo muro e me balancei numa folha da palmeira. Olhando por uma janela, de repente percebi que a

casa não estava vazia. Atrás das venezianas quebradas, uma cerimônia acontecia. Podia ver parcialmente homens à luz bruxuleante de velas entoando incessantemente frases desafinadas, e entre eles eu tinha certeza de ter visto Cocteau. Na mesa comprida havia um grande pedaço de pedra gravada, um rolo de pergaminho desenrolado, uma tigela de metal. O som foi aumentando de volume, como se forçando minha cabeça a expandir, e logo se tornou insuportável. Mais tarde, eu me lembraria dele como hipnótico, de uma forma que eu só poderia fugir dele. Este grupo representava uma parte da sociedade secreta?

Depois descobri que entre outros membros do grupo que vira através da janela da francesa se incluía Lucia Stilman, sempre vestida de ouro e se safava com isso. A beleza dela era bem diferente de qualquer outra, e eu temia muito que ela me tomasse José.

– Por que uso ouro? – ela riu, repetindo minha pergunta. – Ele combina com a região. Pode-se dizer que aqui em Girona, tudo que reluz é provavelmente ouro.



Figura 1.8. Lucia Stilman

E então havia o padre e estudioso Quim Carreras – elegante, erudito, terrível – que provavelmente também era membro do grupo. Ele estava a caminho da América do Sul e tinha planos diferentes para José, dos quais, para meu desalento, eu só soube mais tarde.

O lugar de encontro era o Arc Bar. O amigo íntimo de José, Lluís, apelidado “O Lobo”, que falava várias línguas, abriu o bar em frente

à escadaria da catedral. Tornou-se o local da lendária vida noturna dos anos cinquenta e sessenta, sua música jazz penetrando suavemente na noite. E neste bar, à meia-luz, sentava-se o celebrado escritor ou ator do momento, bastante à vontade entre os jovens desconhecidos e aqueles que queriam – como eu – aventura e liberdade. Pode ser que os jovens desconhecidos estivessem lá porque precisavam de uma razão aceitável para obter um visto a fim de cruzar a fronteira, e muitos não conseguiam sair. O próprio Lluís, por outro lado, e diferente da maioria, realmente viajou para o exterior.

Seu Arc Bar era bastante diferente de qualquer outra coisa na Catalunha. Antes de abri-lo, ele havia trabalhado na catedral como guia para visitantes estrangeiros, raros naquele tempo. O bar era projeto seu e tornou-se sua vida. Ele amava o jazz, a noite, as fofocas, política, ironia, cigarros Gitane. Era impossível esquecer a atmosfera daquele bar. Por cortesia de Lluís, o bar surgira tão suntuosa e simplesmente quanto o mais profundo e explosivo fenômeno que José mantinha em segredo.

Quando conheci Maria Tourdes, pensei que ela fosse a faxineira. Achei-a velha demais para ser a raramente vista *femme fatale* sobre quem se falava no bar de Lluís. Uma vez, quando eu passava na frente de sua casa, ela me convidou a entrar na cozinha, tomar chá. Observei que a torre não combinava com a casa e perguntei por que ela foi construída.

– De fato, por quê? – ela disse. – É uma pergunta que muitos gostariam que fosse respondida.

Ela era uma mulher de qualidade e substância e podia mudar de tal forma que virtualmente se transformava. Quando colocava suas roupas e maquiagem glamorosas eu não a reconhecia. Eu achava que ela não tinha mais de cinquenta anos. Na verdade, tinha quase oitenta. Ela era gentil e senti, durante o curto tempo em que a conheci, que podia contar-lhe sobre meu amor por José. Durante minha última visita, ela estava colocando fotografias e bugigangas numa caixa. Percebi que fazia as malas. A música de órgão da catedral abafava cada som



Figura 1.9. Maria Tourdes, a francesa

em sua casa. Quando a música diminuiu, ela disse que estava indo para Paris. Parecia não ter escolha.

– Você vê, uma vez amei um padre –, ela comentou enigmaticamente.

Mais tarde, algumas pessoas me avisaram sobre Girona. Lucia me avisou para ter cuidado. Carreras fez o mesmo. Todos me advertiram de que lá nada era como parecia. Mas a sorte me deixou antes mesmo que encontrasse qualquer perigo. Num curto espaço de tempo tive que ir embora de Girona. Parece que os assassinos disfarçados de Franco, a polícia cinza, haviam se infiltrado na cidade. José, sendo um nacionalista catalão, ajudando muitos a fugir para a França, estava no topo da lista dos procurados. Ele insistiu que era mais seguro eu partir imediatamente. Sem ele? Contestei. Nós nos encontraríamos em Paris, ele prometeu. Deu-me dinheiro e me ajudou a pegar carona em um caminhão rumo ao norte.

Nós devíamos nos encontrar em Paris dois dias depois na Gare d'Austerlitz. Mas José não pode comparecer. Eu tentei esperar por ele, mas o dinheiro acabou. Paris era uma cidade difícil para se ficar sem dinheiro e sem teto. Depois de ter conhecido José por menos de um ano, recomecei minha vida em Londres. Mas essa afirmação está errada: em essência, eu o conhecera toda minha vida.

No fim da década de 1950, comecei a visitar Girona sempre que podia, e meu “caso” com José não diminuiu. Na época, eu frequentava a Academia Real de Arte Dramática e trabalhava como atriz em Londres. Meu futuro parecia estar na direção de Hollywood. José veio duas vezes a Londres e me garantiu que eu pertencia à Catalunha. Durante uma visita a Girona em meados dos anos sessenta, descobri que a casa com a torre fora derrubada pedra por pedra. Até a palmeira real fora arrancada pelas raízes. Eu fiquei chocada com a devastação. Maria havia morrido em Paris em 1964. José estava abalado.

– Eles não encontraram o que estavam procurando, pobres ladrões na noite –, ele disse. Estava se referindo ao tesouro que já havia sido tirado de lá havia muito tempo. Perguntei quem eram “eles”. Ele permaneceu em pé ao lado do triste buraco que a árvore tinha deixado e não respondeu, apenas jurou: – Eu cuidarei deste jardim. Eles não o tocarão de novo.

– Eles?

– Irei a Quillan. É de onde ela veio. Vou me certificar de que não há mais nada para alguém pegar.

Quillan ficava perto de Rennes-le-Château, e fui até lá com José e um médico que era membro da sociedade. Eles procuraram a casa onde Maria Tourdes ficou e então nos dirigimos colina acima para Rennes-le-Château. Na igreja de lá, tive uma experiência que não podia dispensar como sonho, alucinação ou simplesmente o modo como a luz incidia. Esse acontecimento permaneceria comigo pelo resto da minha vida. Eu apenas podia dizer que era além de qualquer coisa que pertencesse a este mundo. A figura que eu vi era um fantasma? Ela não queria meu bem.

Seus olhos, como espadas, penetraram nos meus, cheios de um poder acumulado por centenas de anos de uma existência inimaginável.

A experiência foi tão potente que quase deixei de ver a torre que Saunière construía. Mas, claro, já havia visto sua gêmea quase idêntica no jardim de Maria.

Mais tarde descobriria as muitas surpresas que rivalizavam com aquela que eu tinha visto naquele dia na igreja. Saunière, por exemplo, viera ao jardim de Maria em Girona para obter as medidas exatas de sua torre. Ele havia escrito pedindo a ela e ao tio de José as plantas do arquiteto. Era essencial que a torre fosse erguida em sua paróquia; era obrigatório que existissem duas torres, uma ao norte em Rennes-le-Château e uma ao sul em Girona, situadas em sua linha *ley* comum, e equidistantes de Monte Canigou. Os documentos guardados pela sociedade mencionavam essa exigência com frequência. Mas por quê?

As muralhas de Girona eram tão sólidas e firmes que sugeriam que nada poderia estar por trás delas, mas então foi com certa perplexidade que na década de 1970 José abriu uma parede do século VIII e descobriu o local medieval judaico que fora o palácio e a sinagoga de Nachmanides. Na Idade Média, o lugar era um famoso centro de aprendizagem que se destacava em ouriversaria, medicina, cultura e, entre outras coisas, estudos cabalísticos. José encontrou-o nas mesmas condições de quando os judeus foram forçados a abandoná-lo durante a Inquisição Espanhola em 1492. Um terreno baldio para cães vadios, tão escondido que ninguém imaginava sua existência, tornou-se uma descoberta mundialmente importante. José restaurou o templo de modo a atrair os judeus para retornarem à Catalunha – dantes conhecida como a “Mãe de Israel”.

Lucia disse: – Claro que não foi por acaso que ele abriu uma parede. Desde criança, ele sempre soube que o lugar estava lá.

Nas décadas de 1970 e 80, o local restaurado, transformado em museu, atraía milhares de visitantes. José o havia fundado e, um dia, simplesmente partiu deixando para trás seus anos de envolvimento. O que quer que estivesse procurando, ele havia encontrado.



Figura1.10 O Pátio do Centro Judaico, Isaac el Cec, restaurado por José, agora o Museu d'História dels Jueus a Catalunya

Em 1976, em frente ao jardim da francesa, uma aparição conhecida como Madalena foi testemunhada por muitas pessoas de Girona. Grupos e grupos assomavam à colina apenas a alguns metros daquilo que ainda era a entrada do jardim. A aparição não podia ser explicada, mas os observadores diziam que sentiam uma sensação de calma, de cura. Entretanto, apesar de todas as testemunhas, a Igreja e o governo não apoiaram a validade desta aparição e disseram que ela devia simplesmente ser esquecida. Só a Igreja poderia autenticar uma visão ou um milagre. Nem mesmo a imprensa a mencionou. A visão da Madalena no jardim, entretanto, realmente teve um efeito na sociedade secreta. O que ocorreu de fato naquela noite? O que trouxe esta visão? Demorei alguns anos para descobrir.

Em 2003, depois que José Tarres sofreu um ataque cardíaco, uma decisão tinha que ser tomada quanto ao futuro da sociedade.

Um membro mais antigo, uma mulher, estava com doença terminal. Outros, que estavam velhos e incertos quanto às mãos que o material guardado iria cair, queriam descartá-lo definitivamente. A questão da visão em 1976 deveria ser um aviso suficiente, eles argumentavam. Como eu soube na época, a aparição da Madalena fora invocada por meio de um ritual realizado por iniciados para os membros da sociedade. Os iniciados consideravam que tinham sido bem sucedidos na medida em que a presença, conhecida como “A Senhora com o Cálice”, aparecera esplendidamente. O problema, porém, era que ela não havia aparecido especificamente na região que eles pretendiam; na verdade, eles não tinham controle sobre onde ela se manifestava. Após este experimento, os rituais foram interrompidos.

A sociedade foi dividida mais ainda pelos seus membros de pensamento mais moderno. Lucia Stilman, por exemplo, acreditava que os segredos eram elitistas e davam poder demais a seus detentores; ela queria que a verdade se tornasse pública. Algum dinheiro de Saunière fora lhe dado através de Maria, e como Lucia também herdara de seu pai, era suficientemente rica para que sua autoridade fosse ouvida. O ponto de vista de Quim Carrera, por outro lado, era que toda evidência da sociedade, remontando a um passado atemporal, deveria ser dada ao Vaticano. José Tarres, o guardião, queria que alguns dos aspectos da sociedade se tornassem públicos. A sociedade estava aos cuidados principalmente de seus parentes, que eram cônegos da catedral.

Todas estas contingências são parte da história sobre a qual Beryl e eu inocentemente tropeçamos décadas atrás e que continuam a manter-me em seu encaixe desde então. Aconteceu que José e eu não nos casamos; talvez o casamento, com seus hábitos cotidianos, tivesse matado a ressonância extasiada entre nós, e essa morte eu não poderia permitir. José acabou se casando com uma escultora bretã e raramente saía de Catalunha. Eles tiveram um filho. Eu mesma fui casada duas vezes, tive dois filhos, e segui minha carreira nos Estados Unidos e



Figura 1.11. Patrice e José, durante a restauração do Centro Judaico

na Europa. Mas o trabalho me manteve voltando a Girona, incluindo um filme de um dos meus livros, a apresentação de uma peça, e apresentações dos meus livros baseados na cidade catalã. José e eu não nos víamos com frequência, mas quando nos encontrávamos, parecia que nunca tínhamos estado separados.

Então qual era o segredo dos mistérios cabalísticos tão bem guardados pelas pedras antigas de Girona? Como disse, tinha a ver com transformação.

Em 2003 José apresentou-me a uma nova parte da atividade da sociedade. – Você tem que fazer o que os iniciados têm feito a cada século –, José disse. – Você deve fazer a viagem. É a viagem que importa, não o destino.

– Ela terá um efeito sobre mim?

– Oh, sem dúvida -. E ele riu, secamente, como costumava quando o encontrei pela primeira vez do outro lado do rio.

– Lembre-se do que Maria lhe disse. E lembre-se das duas torres.

Que viagem? Onde? Ele deve ter me visto hesitar. Eu começaria a fazer perguntas em seguida. Ele evitou aquilo.

– Faça a viagem –, repetiu apenas.



Figura 2.1. A porta da cabana